Pesca sustentável, uma opção para Lagamar
Bettina Barros

Patrimônio natural tombado pela Unesco e maior porção de cobertura contínua da Mata Atlântica, o complexo estuarino de Lagamar, no litoral sul paulista, pode ser "salvo" do desenvolvimento desenfreado por uma nova vocação econômica: a pesca amadora.

Autoridades locais e ambientalistas enxergaram na atividade uma possibilidade de diversificar a economia aliando geração de renda à população (com uma forte cultura caiçara) e conservação ambiental. Por isso, deram início a um mapeamento para conhecer melhor esse mercado e o seu potencial de crescimento. A palavra-chave é, como sempre, ordenamento.

Há anos, a região formada por Iguape, Cananeia e Ilha Comprida tenta encontrar uma vocação que garanta a sobrevivência da natureza. Lagamar é constituído por estuários, manguezais, restingas e ilhas com alta biodiversidade e número significativo de espécies endêmicas - que só aparecem aqui. Cerca de 1.200 espécies de plantas já foram registradas na região, incluindo a caxeta e o guapuruvu.

Nos últimos anos, a região viu subir o número de turistas em busca da pesca amadora. Ao mesmo tempo, a pressão urbana aumentou - com discussões, inclusive, para a construção de um shopping center na Ilha Comprida. "Não queremos o turismo de massa, predatório", diz André Gimenez, diretor de Meio Ambiente de Iguape e vice-presidente do Polo Ecoturístico de Lagamar. "A pesca recreativa é uma opção econômica para a região, mas sem ordenamento iremos para o caminho errado".

Para os ambientalistas, é possível fazer da região um polo sustentável de pesca como o Pantanal. No mundo, a pesca amadora é responsável hoje por cerca de 12% da produção mundial de pescado. Nos EUA, ela envolve 40 milhões de pescadores e movimenta US$ 45 bilhões por ano. Na Europa, são 21 milhões de pescadores, com gastos anuais médios de US$ 10 bilhões.

No Brasil, estima-se que entre 3 milhões e 5 milhões de pessoas participem desse tipo de pescaria, gerando uma receita anual entre R$ 125 milhões e R$ 160 milhões. A atividade também gera 35 mil empregos diretos e 250 mil indiretos. "Mas sem ordenação, essa atividade pode ser prejudicial ao ambiente e à população", diz Fábio Motta, coordenador do Programa Costa Atlântica da SOS Mata Atlântica.

Um dos efeitos mais visíveis é a diminuição dos estoques. Em Lagamar, caiçaras já reclamam do desaparecimento de peixes, embora não existam dados oficiais sobre isso. Outro ponto negativo é o aumento na circulação de embarcações, que provoca a poluição dos rios por esgoto doméstico e resíduos, além de afetar ecossistemas.

O trabalho de coleta de dados sobre a atividade já apontou os primeiros números: existem na região 42 espécies de peixes, incluindo o cação viola e o cióba, ambos ameaçados de extinção, e a caranha, peixe também considerado raro nessa região da costa.

A cada ano, cerca de três mil visitantes chegam a Lagamar para praticar a pesca. A maioria vem da capital e interior de São Paulo, mas há presença de turistas de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Nos fins de semana, uma média de 40 barcos circulam pelas águas de Lagamar. Durante a semana, entre 10 e 20. Em geral, os visitantes retornam até três vezes por ano para pescar.

"O grande problema ainda é que os pescadores amadores não têm conhecimento sobre os limites de tamanho de peixes que se pode retirar do mar", diz Pietro Moro, pesquisador associado ao Projeto Mata Atlântica & Pesca. Entre os pescadores entrevistados, 46% não souberam dizer o tamanho mínimo para que uma espécie possa ser capturada e 72% desconheciam a cota de peixes determinada pelo Ibama que pode ser levada para casa. O período de defeso tampouco é respeitado.

Conteúdo exclusivo para fins educacionais

Valor Econômico, São Paulo, 5 out. 2009, Empresas & Tecnologia, p. B12.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais